

EDICIÓN:

Rodrigo de Balbín Behrmann

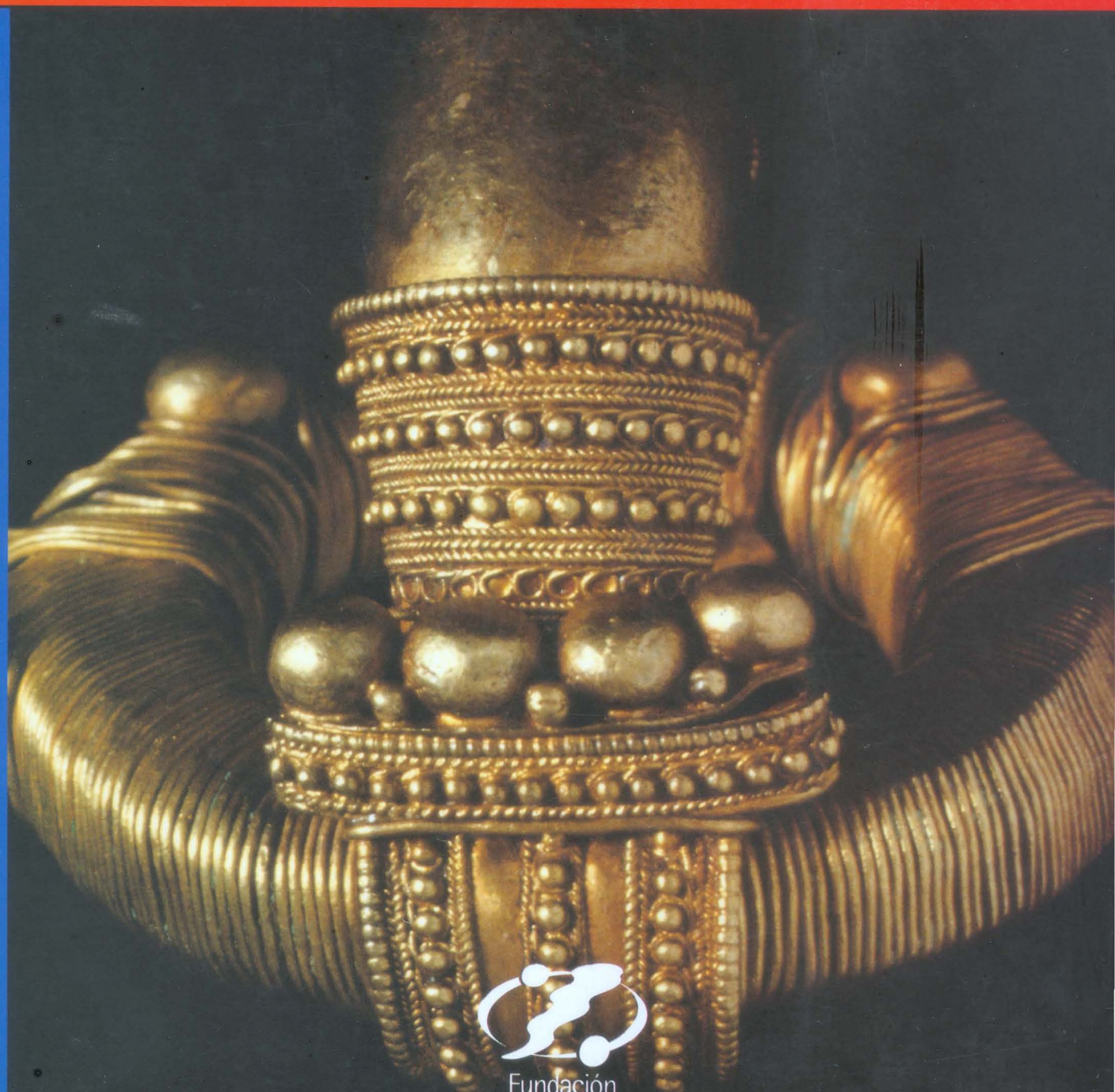
Primitiva Bueno Ramírez

REVISIÓN DE TEXTOS:

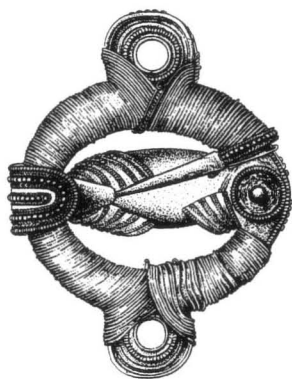
José I. Herrán Martínez

II Congreso de Arqueología Peninsular

Tomo II - Neolítico, Calcolítico y Bronce



Fundación
Rei Afonso Henriques



II CONGRESO DE ARQUEOLOGÍA PENINSULAR



NEOLÍTICO, CALCOLÍTICO Y BRONCE

TOMO II

Zamora, del 24 al 27 de Septiembre de 1996

R. DE BALBÍN BERHMANN, P. BUENO RAMÍREZ EDS.



Fundación
Rei Afonso Henriques

1997

Edita: Fundación Rei Afonso Henriques

I.S.B.N. OBRA COMPLETA: 84-89981-00-0

I.S.B.N. TOMO II: 84-89981-01-9

Depósito Legal: ZA - N.º 266 - 1997

Revisión textos: J. I. HERRÁN MARTÍNEZ

Secretario de Sección: J. J. ALCOLEA GONZÁLEZ

Transcripción Debates: P. JIMÉNEZ, A. ALCOLEA y R. de BALBÍN

Imprime:

HERALDO DE ZAMORA, artes gráficas
Santa Clara, 25
49014 ZAMORA

Contributos para o conhecimento do megalitismo na Beira Interior (Portugal): A região do Tejo Internacional

JOÃO LUÍS CARDOSO, JOÃO CARLOS CANINAS E FRANCISCO HENRIQUES*

Resumo: Apresentam-se os resultados das investigações empreendidas pela Associação de Estudos do Alto Tejo, na região megalítica do Rosmaninhal, desde 1993. Merece destaque o conjunto arqueológico do Couto da Espanhola onde se escavou, desde 1993, um menir, duas sepulturas megalíticas e parte de um recinto megalítico. As pesquisas realizadas pela Associação de Estudos do Alto Tejo, desde 1980, conduziram à identificação de um importante complexo megalítico na margem direita do Tejo Internacional, constituído por cerca de 80 sepulturas, menires, recintos e rochas gravadas com covinhas.

Palavras-chave: Megalitismo, Tejo Internacional, Portugal.

1. INTRODUÇÃO

O sul da Beira Interior, na adjacência do Tejo Internacional, correspondia, até época recente, a região quase desconhecida no tocante ao património arqueológico. Com efeito, até à década de 1980, apenas se encontravam identificados quatro monumentos megalíticos, por F. Tavares de Proença Júnior, que os cita na primeira carta arqueológica da região (PROENÇA JÚNIOR, 1910). Mais tarde KALB (1990) limita-se a utilizar aquela informação em estudo de conjunto do megalitismo de entre Douro e Tejo. Por se tratar de região potencialmente interessante, no respeitante àquele tipo de monumentos, a Associação de Estudos do Alto Tejo, na sequência de investigações efectuadas em áreas limítrofes, decidiu empreender um programa de prospecção sistemática da região compreendida entre o Aravil, o Erges e o Tejo, respectivamente a Oeste, a Este e a Sul, território integrado na região do Tejo Internacional (Fig. 1). Dava-se, deste modo, seguimento, às últimas explorações empreendidas na região de Idanha, em monumentos megalíticos, na década de 1950 e 1960 (ALMEIDA & FERREIRA, 1958, 1959, 1971).

Das referidas prospecções, efectuadas com carácter sistemático nos últimos dez anos, resultou a iden-

tificação de mais de seis dezenas de sepulturas megalíticas, além de diversos outros monumentos como menires, recintos megalíticos e rochas insculptadas (HENRIQUES, *et. al.* 1993). Dos aludidos monumentos, alguns foram já objecto de escavação, ao abrigo de um Projecto de Investigação aprovado pelo IPPAR em 1993. São os resultados dessas intervenções que constituem o objecto deste trabalho.

2. TRABALHOS REALIZADOS, RESULTADOS OBTIDOS

Na região do Rosmaninhal, concelho de Idanha-a-Nova, as intervenções arqueológicas até ao presente efectuadas correspondem a monumentos situados nas proximidades uns dos outros, com afastamento máximo de cerca de 500 m. Todos eles se implantam em uma área planáltica a altitude entre 350 e 340 m, cujo substrato é constituído por xistos e grauvaques do complexo xisto-grauváquico ante-Ordovícico, em parte cobertos por depósitos arcósicos de espessura e importância variáveis, de idade paleogénica ou miocénica.

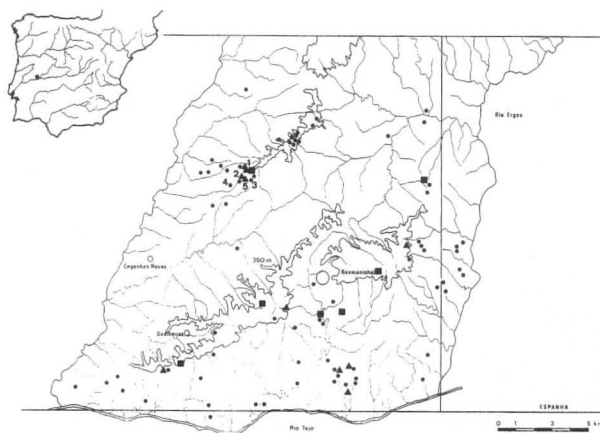
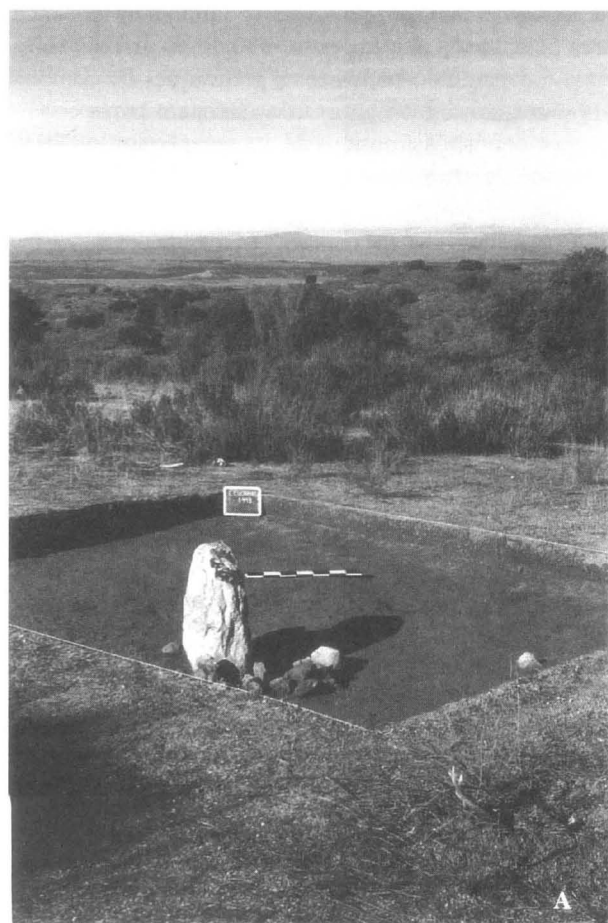


Fig. 1. A região do Tejo internacional com implantação dos monumentos e sítios atribuíveis à Pré-História recente (círculo: antas e mamoadas; quadrado: habitat e achados dispersos; triângulo: recintos megalíticos, menires e rochas com covinhas). Localização dos arqueossítios referidos neste trabalho e sua implantação na Península Ibérica: 1. menir das Cegonhas; 2. recinto megalítico do Couto da Espanhola; 3. anta 6 do Couto da Espanhola; 4. anta 2 do Couto da Espanhola; 5. rochas com covinhas do Couto da Espanhola.

* Associação de Estudos do Alto Tejo

2.1. O MENIR DE CEGONHAS

A escavação deste monumento evidenciou uma situação até então inédita: a reutilização de um grande dormente de mó manual de grauvaque como menir. Trata-se, com efeito, de um monólito com cerca de 50cm de comprimento (encontra-se incompleto em uma das extremidades), com sela bem pronunciada, colocado intencionalmente na vertical -posição que mantinha aquando da escavação- e com uma importante estrutura de sustentação, que o apoiava, em parte escavada no substrato geológico, de natureza arcósica (Fig. 2A). A referida estrutura, mostrava configuração de covacho revestido de blocos mais ou menos angulosos de grauvaque e, em menor quantidade, de xisto, de quartzo leitoso e, vestigialmente, de quartzito. Observou-se que os elementos de maiores dimensões se distribuíam na periferia da estrutura, facto que sugere a hipótese de, à época, tais blocos aflorarem à superfície do solo, constituindo uma coroa, envolvendo a base do menir (CARDOSO *et al.*, 1995a). Os únicos materiais arqueológicos exumados, três fragmentos de bordo de diferentes recipientes, jaziam sob a fundação do menir. Estas condições sugerem prática ritual em que tais fragmentos teriam sido ritual e intencionalmente incluídos na estrutura de



ritual e intencionalmente incluídos na estrutura de sustentação do monumento.

O menir de Cegonhas vem ilustrar, de forma expressiva, a estreita interrelação existente, na altura em que foi edificado, talvez cerca do IV milénio AC, entre os aspectos do quotidiano da respectiva comunidade e práticas propiciatórias, de carácter mágico-religioso. Com efeito, a economia agro-pastoril, crescentemente afirmada no Neolítico recente/final encontrava-se na dependência directa da própria fertilidade/fecundidade da terra, corporizada, no caso presente pela transfiguração da mó, reunindo a fertilidade da terra à simbologia do menir, o elemento masculino indispensável à sua fecundação.

2.2. O RECINTO MEGALÍTICO DO COUTO DA ESPANHOLA

A menos de 300m a SW do monumento anterior, identificou-se um recinto circular, com cerca de 40 m de diâmetro, definido por menires de grauvaque (Fig. 2B). O recinto implanta-se em encosta suave voltada para Norte e os menires, de tamanho diverso (o maior mede 1,20 m acima do solo) encontram-se na maioria tombados. Todos os blocos foram implantados intencionalmente no terreno; porém, a maioria não ostenta afeiçãoamento, correspondendo a volumes rochosos irregulares e de pequena altura; apenas cinco assumem configuração longilínea e afeiçãoamento.

Todos os elementos foram obtidos localmente, em afloramentos que ali ocorrem. A escavação interessou um dos menires, bem como uma pequena câmara de planta sub-rectangular aberta, com o comprimento máximo de 2,50 m, situada sobre o perímetro do recinto. No respeitante ao primeiro dos locais investigados, verificou-se que o menir assentava no próprio substrato geológico, encontrando-se fixado a este por blocos de quartzo, grauvaque e xisto. Em outros meni-



Fig. 2A e 2B. A. O menir de Cegonhas, integrado na paisagem envolvente, depois de escavado. Observa-se a estrutura de sustentação, de grandes dimensões e de construção cuidada. B. Vista parcial do recinto megalítico do Couto da Espanhola (B).

res, junto à base, a floravam as respectivas estruturas de sustentação, aparentemente idênticas à que foi escavada. A câmara, ainda não totalmente escavada, era definida por cinco pequenos blocos de grauaque, dispostos preferencialmente na horizontal, assentes em um lageado constituído por placas de xisto travados por pequenas cunhas de grauaque do lado externo. Não forneceu espólio. Conhecem-se diversas sepulturas megalíticas na região cuja câmara igualmente se apresenta forrada de lages. No caso em apreço, a ausência de *tumulus* –que jamais terá existido– impede a aceitação imediata da hipótese de tratar-se de sepultura. Dois esteios laterais parecem integrar-se no recinto megalítico.

São escassos os monumentos comparáveis a este. Os recintos megalíticos do Alto Alentejo implantam-se em áreas planas ou de encostas suaves, mas voltadas a nascente: caso dos cromeleques da Herdade de Cuncos (GOMES, 1986), de Vale de Maria do Meio (CALADO, informação pessoal) e dos Almendres (SANTOS, 1994). Por outro lado, apenas um paralelo se compulso para a existência de uma câmara megalítica no interior de um recinto fechado, da região de Pavia (CORREIA, 1921) sem que, contudo, se possa –ao contrário do presente caso– assegurar a contemporaneidade das duas estruturas.

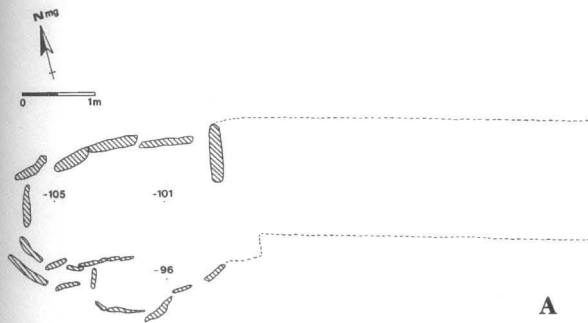


Fig. 3A e 3B. Anta 6 do Couto da Espanbola. Planta (A) e vista geral da câmara original do monumento (B), de planta de contorno oval fechada (1ª fase de utilização).

2.3. A ANTA 6 DO COUTO DA ESPANHOLA

Trata-se de pequeno monumento megalítico escavado em Setembro de 1995, situado na extremidade da superfície planáltica atrás referida, formando pequeno esporão voltado para sul, situado 400m a SE do recinto megalítico descrito. O monumento encontrava-se evidenciado por um montículo artificial (*cairn*) cujo eixo maior mede cerca de 10m e o menor aproximadamente 7,60m (Fig. 3A e 3B). O referido montículo, que se encontrava delimitado exteriormente por um anel de contenção, era constituído em 66% por elementos de quartzo leitoso. O *cairn* revelou uma estrutura de blocos engrenados uns nos outros onde dominavam, em profundidade, os elementos de xisto, com 62% do total. Desta forma, conclui-se que a concentração de quartzo à superfície resultou de escolha deliberada por forma a melhor destacar o montículo da área adjacente, devido ao contraste cromático conferido por aqueles elementos face à coloração do terreno envolvente. O referido montículo envolvia parcialmente uma câmara fechada de planta ovalada, com 2,80m de comprimento por



Fig. 4A e 4B. Anta 6 do Couto da Espanbola. A. Vista parcial da câmara evidenciando-se o septo intermédio em que aquela foi dividida e o reaproveitamento do espaço meridional da mesma (2ª fase de utilização). B. Vista do recinto cistóide correspondente à transformação do espaço meridional da câmara no decurso da 3ª e última fase de utilização do monumento.

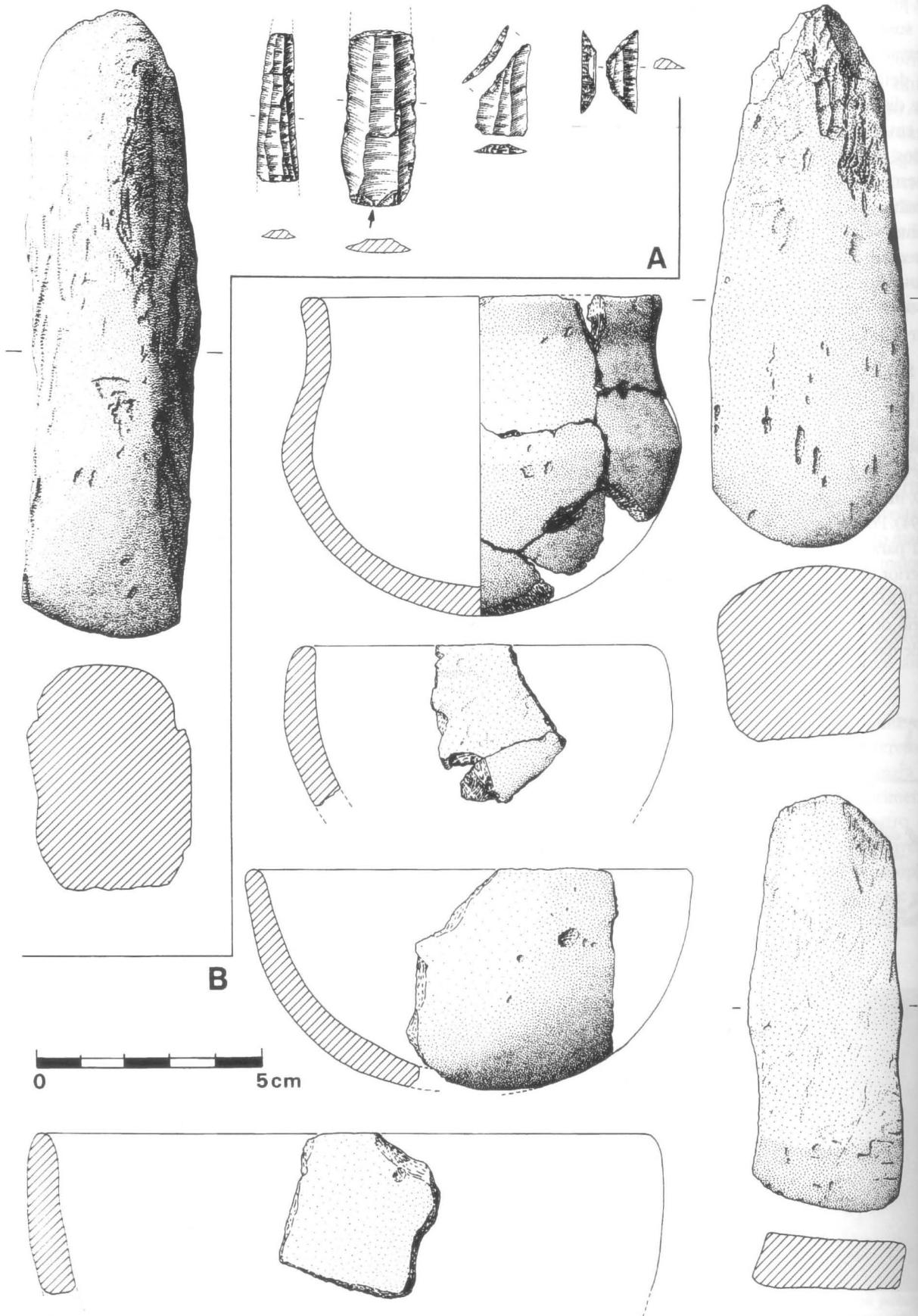


Fig. 5A e 5B. Anta 6 do Couto da Espanhola. Espólio arqueológico exumado na câmara meridional, correspondente à 2ª fase de utilização (A), e na sepultura cistóide, correspondente à 3ª fase de ocupação do monumento (B).

2,20m de largura, constituída por pequenos esteios de grauvaque e de xisto.

O monumento encontrava-se apenas superficialmente remexido, podendo considerar-se inviolado em profundidade. Revelou três fases principais de utilização:

1. a ocupação mais antiga correspondia à utilização da câmara primitiva do monumento; não forneceu espólio;

2. na fase intermédia, construiu-se um septo longitudinal, que isolou dois espaços no interior da câmara original; no espaço meridional recolheu-se, sobre o fundo, um conjunto constituído por um machado espesso de talão mal polido, um crescente, um trapézio, uma lamela e uma pequena lâmina (Fig. 4A);

3. na fase mais recente, assiste-se ao abandono e entulhamento do espaço meridional, prolongando-se o septo pré-existente por uma lage de xisto colocada verticalmente ao baixo, fundada no entulho que preencheu o espaço referido; desta forma, a câmara do monumento ficou reduzida a espaço de configuração cistóide de planta sub-rectangular. O mobiliário exumado neste espaço inclui uma enxó de secção rectangular, um machado de talão picotado e fragmentos de cinco recipientes cerâmicos (Fig. 4B).

O enquadramento crono-cultural das referidas fases foi antes discutido (CARDOSO *et al.*, 1995b). A fase 2 é a mais antiga documentada por espólio (Fig. 5A); dele estão ausentes peças evoluídas como pontas de seta e placas de xisto ou de arenito), configurando um momento recuado do megalitismo regional. Tem paralelos na região alto e baixo-alentejana, respectivamente no monumento 3 do Azinhal, Ciborro (LEISNER, 1983), e no monumento do Marco Branco, Santiago do Cacém (SOARES & SILVA, 1992), ambos atribuíveis ao Neolítico antigo evoluído. O momento mais recente da utilização do monumento tem, igualmente, paralelos em sepulturas cistóides da região de Reguengos, como o monumento 10 das Areias (LEISNER & LEISNER, 1951). Assim sendo, pode considerar-se que foi curto o período de utilização deste sepulcro, comportando na fase mais antiga, no máximo, dois ou três corpos para na fase mais recente assumir carácter individual.

2.4. A ANTA 2 DO COUTO DA ESPANHOLA

Trata-se de um monumento megalítico situado num cabeço isolado, cerca de 1.000 m a SO do monumento anterior. O monumento, escavado em Setembro de 1996, encontrava-se evidenciado por um conjunto de esteios, definindo uma câmara sub-circular, e pelos restos de um montículo artificial, em parte

ainda delimitado por um anel de contenção constituído por blocos de grauvaque e de quartzo leitoso, conferindo-lhe maior visibilidade, ainda bem evidente no sector nascente, melhor conservado.

A escavação veio revelar monumento com uma câmara ampla (3 m de diâmetro) embora pouco alta (cerca de 1 m), definida por esteios de grauvaque, e provida de um corredor longo (7 m de comprimento), construído com esteios de grauvaque e de xisto (Fig. 6A e 6B). A escavação permitiu verificar que o *tumulus* era construído sobretudo por blocos de grauvaque fortemente engrenados uns nos outros; pela abundância de blocos de quartzo leitoso, dispersos na zona envolvente do *tumulus*, crê-se que aqueles cobririam primitivamente toda a estrutura, situação com estreitos paralelos em outros monumentos dolmênicos da região (vd. anta 6 do Couto da Espanhola, CARDOSO *et al.*, 1995).

A distribuição do espólio arqueológico recolhido no decurso da escavação, em estudo, parece indicar, pelo menos, um enterramento individual na câmara e um outro no corredor, num momento avançado do megalitismo regional (Neolítico final-Calcolítico inicial). Tais enterramentos parecem indicados pela associação de dois machados e uma enxó na câmara e por dois machados no corredor. Tanto no corredor como na câmara recolheu-se conjunto significativo de pon-

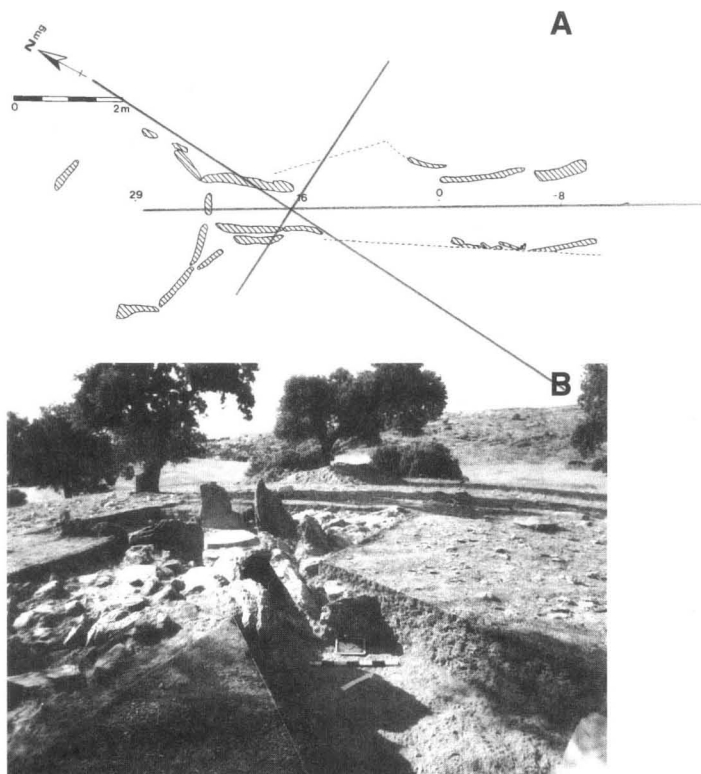


Fig. 6A e 6B. Anta 2 do Couto da Espanhola. Planta do corredor e da câmara do monumento (A) e vista geral do mesmo (B).

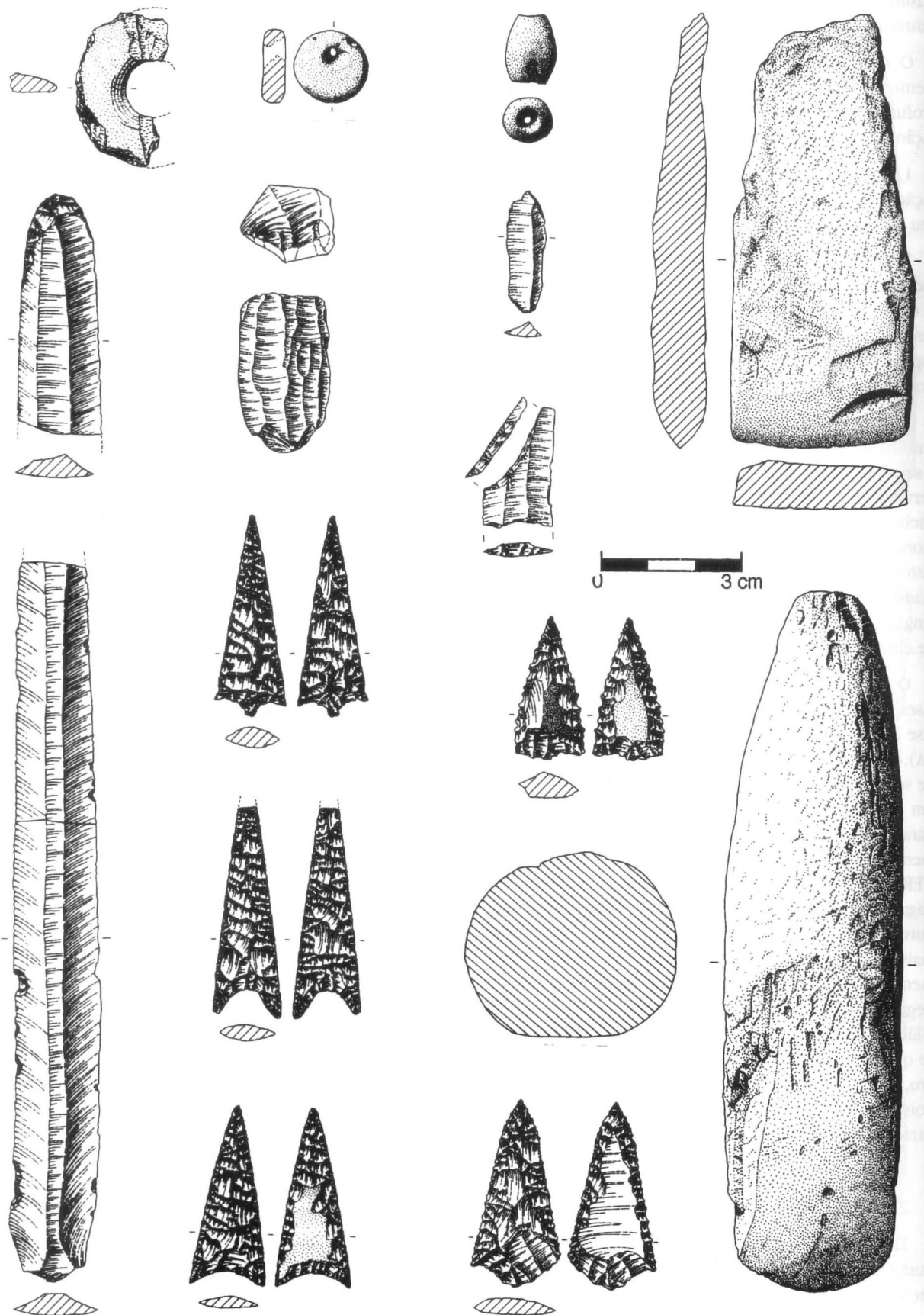


Fig. 7. Anta 2 do Couto da Espanhola. Espólio recolhido na câmara.

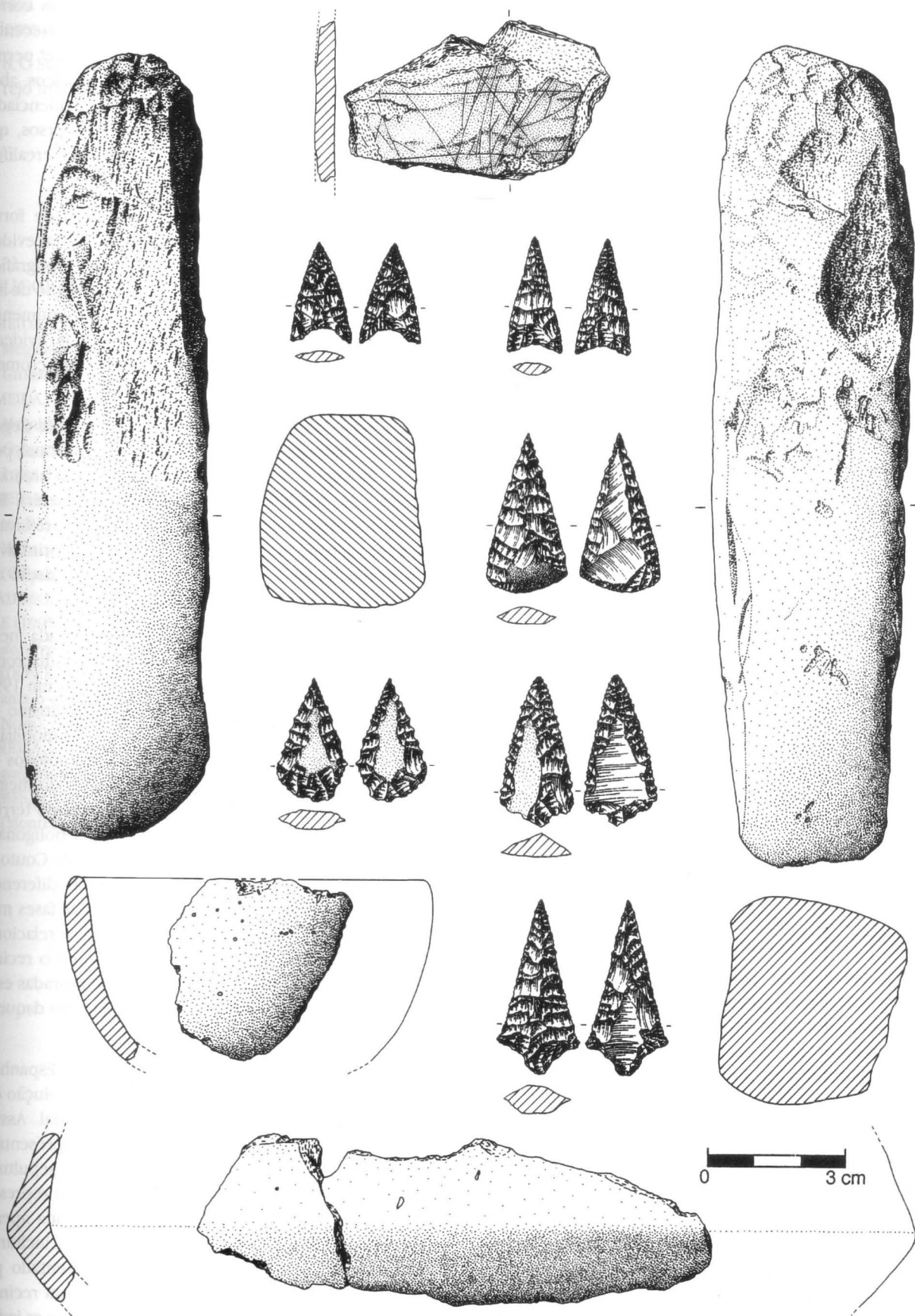


Fig. 8. Anta 2 do Couto da Espanbola. Espólio recolhido no corredor.

tas de seta (base convexa, com pedúnculo, por vezes com aletas laterais incipientes, de base triangular, de base côncava e de base recta) (Fig. 7 e 8). Apenas no corredor se recolheram materiais cerâmicos, entre os quais fragmentos de taças em calote e uma pequena taça carenada. Na câmara recolheram-se também lâminas de sílex não retocadas e contas de colar em mineiras verdes.

A presença de artefactos que constituem atributos de trabalho masculino, como é o caso dos machados e das pontas de seta, coloca a possibilidade de estarmos perante duas tumulações masculinas.

Num momento posterior, durante a Idade do Bronze, o monumento foi reutilizado correspondendo—lhe fragmentos de dois vasos carenados.

2.5. AS ROCHAS COM COVINHAS DO COUTO DA ESPANHOLA

Cerca de 250 m a NW do sepulcro megalítico descrito e na mesma unidade geomorfológica, encontra-se um conjunto de onze painéis gravados em superfícies aplanadas de afloramentos gravuáquicos ou em lages soltas. Contaram-se na totalidade, mais de uma centena de “covichas”, uma das quais com 31 representações. Nas imediações, observaram-se outros painéis, com reduzido número de gravações (HENRIQUES *et al.*, 1995), os quais se estendem até ao recinto megalítico, situado escassas dezenas de metros para Norte.

A integração crono-cultural desta ocorrência depara com as tradicionais dificuldades de datação; porém, é frequente na região a associação deste tipo de ocorrências a monumentos megalíticos (HENRIQUES *et al.*, 1993), tal como se verifica no Couto da Espanhola.

3. CONCLUSÕES

No decurso de prospecções e de explorações arqueológicas na região de Rosmaninhal, às quais pretendemos dar continuidade, identificaram-se numerosos monumentos e exploraram-se alguns deles. Os principais resultados podem sumarizar-se da seguinte forma:

1. A prospecção sistemática do território entre Aravil, Erges e Tejo conduziu à identificação de mais de sessenta sepulturas e outros monumentos megalíticos (menires e recintos);

2. A exploração de quatro sítios arqueológicos situados em uma mesma plataforma e com relações de proximidade evidentes permitiu admitir a existência de interdependências entre locais de carácter diferenciado, embora integrando globalmente um mesmo espaço sacralizado;

3. Os testemunhos identificados parecem corresponder a um povoamento disperso, desconhecendo-se até ao presente qualquer área de *habitat* permanente. Os indícios sugerem pequenos núcleos, abertos e de carácter sazonal, especialmente evidenciados por grandes dormente e moventes dispersos, que comprovam a importância da agricultura cerealífera na economia de tais sociedades;

4. O espaço povoado seria pontuado de forma muito evidente por sepulturas megalíticas. Tal evidência era conferida pela sua implantação topográfica, sendo reforçada pelo intencional revestimento de blocos de quartzo leitoso dos *tumuli*; estes monumentos articulavam-se com outros, igualmente de evidente significado mágico-religioso, como menires, cromeques e rochas gravadas;

5. É de salientar a importância do menir de Cegonhas, aproveitando um dormente de mó manual, pelo facto de sugerir a transfiguração de objecto utilitário (a mó) em símbolo mágico-religioso (o menir). Esta peça corporizaria, assim, e de forma expressiva, a estreita relação existente, nas sociedades primitivas, entre o sagrado e o profano. Trata-se de situação original, cuja relevância é evidente;

6. A construção de megálitos, verificada neste pequeno território planáltico, sugere larga diacronia; a anta 6 do Couto da Espanhola, explorada em 1995, corresponderá aos primórdios do megalitismo da região, por analogia da arquitectura e do mobiliário que continha com os monumentos homólogos do Alentejo. A ser assim, as fases mais tardias do megalitismo encontram-se representadas no mesmo território por monumentos maiores, de câmara poligonal e com corredor de que é exemplo a anta 2 do Couto da Espanhola, cujo espólio evidencia nítidas diferenças face ao exumado na anta anterior. Com as fases mais recentes do referido fenómeno se poderá relacionar também o menir de Cegonhas bem como o recinto megalítico e o conjunto de rochas insculturadas estudadas, traduzindo a natural complexificação daquelas comunidades.

7. A escavação da anta 2 do Couto da Espanhola veio contribuir para o conhecimento da evolução das sepulturas megalíticas no âmbito regional. Assim, enquanto em um primeiro momento -representado pela anta 6 do Couto da Espanhola- as sepulturas seriam fechadas de planta ovalada, estando representadas ao nível da indústria de pedra lascada apenas pequenas lâminas e lamelas e geométricos, incluindo crescentes, em momento ulterior, representado por esta estrutura, as sepulturas evoluíam para recintos de câmara poligonal e corredor longo, sendo as indústrias atrás mencionadas substituídas por outras, onde pontificam as pontas de seta, de tipologia muito diver-

sificada desconhecidas anteriormente, e lâminas de maiores dimensões.

8. O Sudeste da Beira Interior, em particular a região do Tejo internacional, possui um património arqueoló-

gico muito rico e diversificado, cujo estudo irá certamente contribuir de forma relevante para o conhecimento do megalitismo no ocidente peninsular.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, F. de, e FERREIRA, O. da V. (1958): Duas Sepulturas Megalíticas dos Arredores de Idanha-a-Velha, *Revista de Guimarães*, vol. 68, nº 3-4, pp. 317-322.
- ALMEIDA, F. de, e FERREIRA, O. da V. (1959): Sepulturas Megalíticas dos Arredores de Idanha-a-Velha, *Actas do 1º Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958), vol. 1, pp. 225-230.
- ALMEIDA, F. de, e FERREIRA, O. da V. (1971): Um Monumento Pré-Histórico na Granja de São Pedro (Idanha-a-Velha), *Actas do 2º Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970), vol. 1, pp. 163-168.
- CARDOSO, J.L.; GOMES, M.V.; CANINAS, J.C. e HENRIQUES, F. (1995a): O Menir de Cegonhas (Idanha-a-Nova), *Estudos Pré-Históricos*, 3, pp. 5-17, Viseu.
- CARDOSO, J.L.; CANINAS, J.C. e HENRIQUES, F. (1995b): A anta 6 do Couto da Espanhola (Rosmaninhal, Idanha-a-Nova), *Estudos Pré-Históricos*, 3, pp. 19-37, Viseu.
- CORREIA, V. (1921): *El Neolítico de Pavia (Alentejo, Portugal)*, Museo Nacional de Ciencias Naturales, Madrid.
- GOMES, M.V. (1986): O Cromleque da Herdade dos Cuncos (Montemor-o-Novo, Évora), *Almansor*, nº 4, 41p, 20 fig.

- HENRIQUES, F.; CANINAS, J.C. e CHAMBINO, M. (1993): *Carta Arqueológica do Tejo Internacional*, vol. 3, 299 p., Vila Velha de Ródão.
- HENRIQUES, F.; CANINAS, J.C. e CHAMBINO, M. (1995): Rochas com Covinhas na Região do Alto Tejo Português, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 35, fasc. 4, pp. 191-206, Porto.
- KALB, P. (1990): Megalithgraber Zwischen Tejo und Douro, *Madriider Forschungen*, Band 16, pp. 19-33, Berlin.
- LEISNER, G. e LEISNER, V. (1951): *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz. Materiais para o estudo da cultura megalítica em Portugal*, 322p., Lisboa.
- LEISNER, V. (1983): As diferentes fases do Neolítico em Portugal, *Arqueologia*, 7, pp. 7-15, Porto.
- PROENÇA JÚNIOR, E.T. de (1910): Archeologia do districto de Castello Branco. Contribuição para o seu estudo, *Typ. Leiriense*, 25p, Leiria.
- SANTOS, A.P. dos (1994): Monumentos Megalíticos do Alto Alentejo, *Guias Arqueológicas de Portugal*, 1, 111p, Lisboa.
- SOARES, J. e SILVA, C.T. da (1992): Para o Conhecimento dos Povoados do Megalitismo de Reguengos, *Setúbal Arqueológica*, vol. 9-10, pp. 37-88.